

A PROPÓSITO DO CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA EM MICHEL FOUCAULT E MICHEL PÊCHEUX

Cláudia Rejanne Pinheiro GRANGEIRO
Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
(UNESP/FCLAR)
PARIS XII- CEDITEC
Bolsista CAPES
Doutorado
claudiarejannep@yahoo.com.br

Dizem: falar sem coisas é
comprar o que seja sem moeda
(João Cabral de Melo Neto)

INTRODUÇÃO

Uma dos temas mais pulsantes desenvolvidos no interior da chamada Análise do Discurso de linha francesa é, sem dúvida, a questão da “formação discursiva”, visto que este conceito está diretamente relacionado com a problemática do Sujeito, em seu duplo aspecto de constituição: lingüístico e sócio-histórico. Partindo, pois, de tais premissas, o presente trabalho tem como objetivo discutir a noção de formação discursiva pelo viés de um cotejo entre as abordagens de dois teóricos cardeais dessa disciplina: Michel Pêcheux, cujo grupo instituiu e sedimentou suas bases epistemológicas e Michel Foucault, inquietante e multifacetado filósofo, cujas elaborações, como uma “flecha no coração do presente”, deixaram suas marcas indeléveis nesse campo do saber, à medida que pensou a relação entre o Discurso, o Sujeito, o Poder e a História.

Tais diálogos e/ou duelos (Gregolin, 2004) desenvolveram-se no contexto de uma conjuntura política efervescente, de uma profunda revisão do marxismo e de um Estruturalismo dominante nas ciências humanas.

Não temos, sob hipótese alguma, a pretensão de respostas prontas, ao contrário, o nosso intuito é o de apontar alguns elementos de reflexão, para que, com fulcro nos parâmetros elementares dessa disciplina, possamos tratar hodiernamente os conceitos, afastando-nos dos perigos das evidências do já dito.

1. DISCURSO E FORMAÇÃO DISCURSIVA EM FOUCAULT

A formulação do conceito de formação discursiva em Foucault está desenvolvida, principalmente na Arqueologia do Saber, publicado em 1969.

Em trabalhos anteriores, como a História da Loucura e o Nascimento da Clínica, ele já havia analisado os mecanismos de constituição do saber da medicina e da loucura. Em *As Palavras e as coisas*, Foucault analisa a mudança dos saberes da época clássica para a época moderna (passagem do século XVIII ao século XIX) com relação aos temas da vida, do trabalho e da linguagem. Através dessa análise, ele aponta as relações entre dizer e fazer. Distanciando-se, tanto da idéia de que a palavra é a coisa, como da concepção platônica de linguagem como representação, Foucault defende que a palavra institui a coisa, ou seja, se a linguagem se coloca em movimento pelos discursos, então, são esses discursos que instituem os objetos de que falam; é a discursivização, o falar sobre que constitui o “referente”. Assim sendo, ele não procede a sua análise partindo do sujeito ou do objeto porque, para ele, esses elementos não existem a priori. Eles só vão existir a partir do momento em que forem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade, como por exemplo, o corpo. Na Idade Média, o corpo do homem não era visto da mesma forma que no século VIII, pelo fato de encontrar-se aquela episteme bastante determinada pelo teocentrismo, pelas superstições, etc., diferentemente do século VIII em que, com a descoberta da patologia, o corpo passa a ser visto como um conjunto de órgãos e a Medicina passa a discursivizá-lo, a fabricar práticas/dizeres sobre ele.¹

Esses diferentes saberes nasceram, pois, de práticas, de formas de organização. O que se conclui daí é que o próprio sujeito é uma posição discursiva, uma função dos discursos. Para Foucault, “somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem” (Foucault, 2000, p. 20-21).

É nessa perspectiva de abordagem que se inserem as idéias desenvolvidas na *Arqueologia do Saber*, as quais, a princípio, constituiriam o prefácio de *As palavras e as coisas*. Segundo Gregolin (2003, p. 27), a *Arqueologia do saber* é um livro de caráter teórico-metodológico, em que o autor reflete sobre seus trabalhos anteriores e sistematiza uma série de conceitos basilares para a abordagem do discurso. Sua preocupação fundamental, nesse momento, é a de analisar as condições de possibilidade dos discursos. Assim, para a construção do conceito de formação discursiva, Foucault vai operar construindo os conceitos pela negativa, tendo sempre em vista seu objetivo de descrever os mecanismos de constituição das “ciências do homem”. Interessava-lhe, pois, saber o que são esses domínios, essas massas enigmáticas que chamamos a Medicina, a Gramática, a Economia política, etc.

É, pois, da colocação de tais questões de onde vem o conceito de formação discursiva de Foucault (1997). Para ele, os discursos são uma dispersão, ou seja, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade a priori, cabendo à Análise do Discurso descrever essa dispersão, buscando as “regras de formação” que regem a formação dos discursos. Assim, para o autor, “sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma

¹ Sobre o corpo, há um trabalho preñado de análises detalhadas e consistes que mobilizam, dentre outros conceitos, a questão do arquivo e do enunciado foucaulteanos, num suporte bastante atual que é a revista: MILANEZ, Nilton. *A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista*. In *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs). São Carlos: Editora Claraluz, 2004.

regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva” (1997, p 43). Em Foucault, as regras que determinam uma formação discursiva apresentam-se, pois, como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Todos esse elementos caracterizam a formação discursiva em sua singularidade, possibilitando a passagem da dispersão para a regularidade. ²

2. FOUCAULT E PECHEUX: DIÁLOGOS TRANSVERSOS

A década de 60 foi um momento de grandes debates teóricos no escopo das ciências humanas e o auge da chamada “crise do paradigma marxista”. Nesse momento, começaram a vir à tona as denúncias dos opositores do regime que se instalou na URSS após a morte de Lênin. Notícias de Moscou assombravam o mundo, por conta dos famosos “expurgos stalinistas”. A mão de ferro da perseguição aos antigos líderes da revolução, os *gulags*, etc, lançaram profundos questionamentos na esquerda em nível mundial. Michel Pêcheux pertencia ao Partido Comunista Francês e estivera ligado ao “grupo em torno de Althusser”, influente filósofo do marxismo francês, antes do trágico desfecho de sua vida pessoal.

Althusser opera uma releitura de Marx, no tocante à questão da ideologia, concebida em Marx como “falsa consciência”. Na primeira parte de *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1974), Althusser afirma que, numa sociedade de classes, para manter a sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Essa dominação se efetiva, pois, através de dois mecanismos, os quais, em síntese, dizem respeito aos mecanismos de operação da ideologia: a) os ARE (Aparelhos Repressivos do Estado) – o Exército, a Polícia, a Justiça, etc., e os AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado) – a Igreja, a família, a Escola, etc. Para a descrição do funcionamento da ideologia, Althusser (Op. Cit) formula três postulados:

- a) A ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência;
- b) A ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas e
- c) A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos.

Assim, para Althusser, “a ideologia exprime sempre, seja qual for a sua forma (religiosa, jurídica, política) posições de classe” (p.23).

Foi, portanto, com base na concepção althusseriana de ideologia que Pêcheux elaborou a sua teoria do discurso. Entretanto, em vários dos seus textos, Michel Pêcheux afirma que o conceito de formação discursiva com o qual trabalha é emprestado de Foucault. No entanto, essa transposição não

² Na *Arqueologia do Saber*, a colocação do conceito de formação discursiva aí não se esgota. Ele vai, em seguida, esmiuçar cada um desses elementos componentes da noção de f.d: formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos, das estratégias, etc.

ocorre, de forma linear, tranqüila e contínua, visto que Foucault estabelecia as relações entre os dizeres e os fazeres, apontando para a não-autonomia das práticas discursivas. Foucault não trabalhava com as questões de luta de classes e ideologia na mesma perspectiva do marxismo. Para o marxismo, o motor da história é a luta de classes³, cujos embates ocorrem continuamente até ocorrer uma revolução, que promoveria uma ruptura na estrutura da sociedade, cujo resultado último seria o desaparecimento da classe dominante enquanto tal. Para Marx, a construção de uma sociedade comunista (sociedade sem classes, portanto, sem exploração do homem pelo homem) seria o grande desafio (fim) histórico da classe trabalhadora.⁴ Foucault, por sua vez, contesta essa concepção de história como continuidade, discorda da idéia de ruptura, concebendo a idéia de acontecimento histórico não como “ruptura”, mas como “irrupção”. Ao invés de ideologia, ele trabalha com a constituição de saberes/poderes, os quais, segundo ele, não passariam necessariamente pela questão das classes sociais e não estariam necessariamente determinados, nem mesmo em “última instância” pelos fatores econômicos:

“La noción de ideología me parece difícilmente utilizable por tres razones. La primera es que, se quiera o no, está siempre en oposición virtual a algo que sería la verdad. Ahora bien, yo creo que el problema no está en hacer la partición entre lo que, en un discurso, evidencia la cientificidad y la verdad y lo que evidencia otra cosa, sino ver históricamente cómo se producen los efectos de verdad en el interior de los discursos que no son en sí mismos ni verdaderos ni falsos. Segundo inconveniente, es que se refiere, pienso, necesariamente a algo como a un sujeto. Y tercero, la ideología está en posición secundaria respecto a algo que debe funcionar para ella como infraestructura o determinante económico, material, etc. Por estas tres razones, creo que es una noción que no puede ser utilizada **sin precaución**” (grifos nossos). (FOUCAULT, p.p 181/182.

Assim, Foucault concebe as formações discursivas não em termos de ideologia, termo profundamente marcado historicamente pelo viés marxista de posições no tocante à luta de classes, mas em termos de saberes/poderes.

Tal perspectiva foucaultina era contestada pelos marxistas authusserianos. Dominique Lecourt, por exemplo, em *Sur l'archéologie du savoir. A propos de Michel Foucault* critica Foucault no tocante ao que chama de “pontos de fuga”⁵ acusando-o de desenvolver um discurso paralelo.⁶

Nesse sentido, é somente considerando esse contexto epistemológico, teórico e político tenso, que se torna possível compreender as questões mais profundas que estavam na base das diferenças em torno da questão da formação discursiva entre um autor e o outro. Nesse sentido, quando Pêcheux traz para a AD a noção de formação discursiva, ele faz as readaptações relacionando tal conceito à questão da ideologia e da luta de classes. Tratava-se, segundo o próprio Pêcheux de extrair da noção de Foucault o que “ela tinha

³ “A história, desde o início até os nossos dias tem sido a história da luta de classe.” MARX, K. e ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

⁴ Obviamente, essa é uma simplificação, a grosso modo, da teoria marxista da história e da luta de classes com todos os problemas que qualquer simplificação implica.

⁵ LECOURT, D. *Sur l'archéologie du savoir. A propos de Michel Foucault*. La pensée, n 152, 1970.

⁶ Leia-se “pontos de fuga” e “discurso paralelo” em relação ao marxismo do qual Foucault se distancia no tocante às questões do tipo sujeito, continuidade, ruptura, motor da história, etc.

de materialista e revolucionária”⁷, justamente a concepção foucaultiana de discurso como prática. Já em Pêcheux, a formação discursiva é definida como:

Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Aqui, são bastante perceptíveis duas bases epistemológicas fundamentais na teoria de Michel Pêcheux: por um lado, a necessidade de pertencimento às teses althusserianas de luta de classes e ideologia, e por outro, a perspectiva de fulcro na Lingüística, onde se acentua a questão dos gêneros do discurso e da materialidade lingüística⁸

Ainda com relação à formação discursiva em Pêcheux, o que se observa é uma profunda reelaboração das teses althusserianas, principalmente no que diz respeito à interpelação do sujeito pela ideologia. Em *Les Verités de la Palice*⁹, (1975), Pêcheux coloca a problemática da teoria materialista dos processos discursivos sob o signo das condições ideológicas de **reprodução/transformação** das relações de produção. Ao acentuar a questão da transformação, ele está apontando claramente uma perspectiva de afastamento de possíveis interpretações funcionalistas do texto althusseriano, no sentido da não-univocidade da f.d, apontando para a sua heterogeneidade.

No trabalho apresentado em um Simpósio no México sobre o discurso político, em 1977, e publicado em 1978, *Remontemos de Foucault a Spinoza*, Pêcheux rediscute a noção de ideologia, abrindo espaço para a questão das fronteiras maleáveis da formação discursiva. Para Pêcheux:

Naquilo que concerne à ideologia, corresponde ao fato de que os aparelhos ideológicos do estado são, por sua própria natureza plurais: eles não formam um bloco ou uma lista homogênea, mas existem dentro de relações de contradição-desigualdade-subordinação tais que suas propriedades regionais (sua especialização... nos domínios da religião, do conhecimento, da moral, do direito, da política, etc) contribuem desigualmente para o desenvolvimento da luta ideológica entre as duas classes antagonistas, intervindo desigualmente na reprodução ou na transformação das condições de produção. PÊCHEUX (2000, p. 9).

Pêcheux opera, pois, com a categoria marxista da contradição dos “dois mundos em um só”, de que “o germen do novo está dentro do velho”, ou na reformulação de Lênin: “o um se divide em dois”, o que significa que “uma ideologia não é idêntica a si mesma, ela só existe sob a modalidade da divisão, e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários” PÊCHEUX (2000, p. 11).

⁷ PÊCHEUX, M. *Remontemos de Foucault a Spinoza*. Trad. Brasileira de GREGOLIN, M.R.V, mimeo.

⁸ Aqui são possíveis duas aproximações teóricas que não serão objeto deste trabalho: Mikail Bakhtin, com a questão dos gêneros do discurso e Roger Chartier com a questão da materialidade do discurso. Sobre essa perspectiva, ver BARONAS, R.L. *Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade*. In *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs). São Carlos: Editora Claraluz, 2004, p.p 45-62. Articulando autores como Guilhomou, Branca-Rosoff e Courtine, o autor aponta alguns elementos nessa direção, sugerida pela Profa. Maria do Rosário Gregolin, em seus seminários no Programa de Pós-graduação em Lingüística da UNESP/FCLAR.

⁹ PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

Isso quer dizer que a f.d é uma unidade dividida, a qual, embora seja passível de descrição por suas regras de formação, por suas regularidades, ela não é una, mas heterogênea, não de forma accidental, mas constitutiva. Assim, no interior de uma mesma f.d. coabitam vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem, existindo, pois, espaço para a divergência, para as diferenças, pois uma f.d é “constitutivamente freqüentada por seu outro” (PÊCHEUX, 1995, p. 57).

Esse “outro” da formação discursiva é justamente o interdiscurso, noção profundamente importante no escopo da AD, visto estar relacionada com outras questões cardeais, tais como: a memória discursiva, que aprofunda a relação da linguagem com os processos sócio-históricos; a relação do interdiscurso com o intradiscurso, a posição do sujeito do/no discurso, a questão da não-evidência do sentido e diversas outras, sobre as quais não vamos tratar neste momento. Sobre a questão do interdiscurso, julgamos pertinente, colocar que a mera constatação da presença de outras f.ds no fio do discurso, não é suficiente. Necessário se faz uma análise mais apurada sobre os tipos particulares de relação que estes discursos estabelecem com os outros. Em outras palavras, é necessário, lançando mão de todo o dispositivo teórico de que dispomos, verificar que efeitos particulares de sentidos são produzidos por essas apropriações de outras regiões do saber/poder/dizer, os quais atuam de maneira constitutiva na sedimentação da formação discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cotejo entre as concepções de formação discursiva de duas das pilstras da chamada Análise do Discurso francesa observamos que, no caso de Michel Foucault, o que se percebe é que, ao discutir a questão do enunciado relacionando-o à noção de arquivo, da prática discursiva e, ao propor uma concepção de Formação Discursiva numa perspectiva de descontinuidade e dispersão, apontando, no entanto, a possibilidade concreta de se encontrar regularidades nessa dispersão, Foucault toca diretamente nas questões nevrálgicas do discurso, como por exemplo, a posição do Sujeito da/na f.d. Tanto assim o é que o próprio Pêcheux, vai trabalhar com base na sua formulação, guardando, necessariamente, as devidas diferenças epistemológicas.

No que diz respeito a Michel Pêcheux, o que se percebe ao longo dos seus textos, é um lento e paulatino deslocamento das teses althusserianas. Na verdade, Pêcheux nunca abandonou totalmente a tese da interpelação do sujeito pela ideologia, nem a categoria inerente a esta concepção que é a categoria marxista da luta de classes. No entanto, ao apontar para a perspectiva do não-fechamento da f.d, do atravessamento da formação discursiva pelo “outro” e dos demais aspectos pertinentes às questões da interdiscursividade, e em seu último texto *Discurso: Estrutura ou acontecimento*, ao apontar para a necessidade de se por na “escuta do ordinário dos sentidos”, Pêcheux aproxima-se das perspectivas historiográficas contemporâneas (De Certeau,

etc) e abre um imenso leque de possibilidades para a Análise do Discurso.

Uma das questões que julgamos pertinentes e atuais para a AD trata-se da noção de ideologia, em sua relação, por vezes considerada direta, com a formação discursiva, apontando um pouco na direção à qual nos propusemos inicialmente, que é a do hodierno tratamento dos conceitos. Contemporaneamente, é difícil conceber uma relação direta entre formação ideológica e formação discursiva, como algo do tipo: “a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva”.

Considerando, ainda, que as fronteiras da f.d não são fixas, a multiplicidade das materialidades e a hegemonia do interdiscurso, com as diversas formações discursivas cada vez mais se interpenetrando, não é suficiente atestar, na materialidade do discurso, a presença de outras f.ds. Necessário se faz uma análise mais apurada sobre o tipo específico de relação que uma f.d estabelece com a outra, e quais os efeitos de sentido advindos dessa relação, visto que a sociedade contemporânea, denominada por alguns de “pós-moderna”, continua preñe de “línguas de madeira”, as quais se utilizam, diuturnamente, das “línguas de vento”. É comum a apropriação do discurso publicitário, em larga escala, por exemplo, pelo discurso político, religioso, advindos daí profundas transformações dos regimes enunciativos dessas f.ds.

Nessa perspectiva, é possível, desejável, necessário, para a Análise do Discurso, reelaborar o conceito de ideologia, numa perspectiva discursiva, sem opô-la à verdade ou à ciência? É possível utilizá-lo “com precauções” ou deve ser definitivamente descartado, aceitando-se, finalmente, o fim das ideologias? Por outro lado, é possível pensar em dominação ideológica, hoje, momento em que as relações sociais se complexificaram, com a *prise de parole* de diversos outros elementos identitários como as questões étnicas, de gênero, etc, com o(s) poder(es)/saber(es) entranhados em todos os aspectos da cultura, capazes de serem lidas no corpo?

A partir dos elementos apontados, podemos verificar que a aura de evidências em torno dos conceitos pertinentes a este campo do saber deve ser desfeita, particularmente, no tocante às relações entre formação ideológica/sujeito/ideologia. Acreditamos, pois, que qualquer trabalho sério em qualquer campo de pesquisa deve voltar-se continuamente para as suas bases epistemológicas no sentido de uma constante interrogação/elaboração/reelaboração, como dizia Michel Pêcheux, de “suas questões imperdoáveis”.

Bibliografia

1. ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do estado*. Presença, Lisboa, 1974.
2. BAKHTIN, M. *Gêneros do discurso* In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, cap. pp 279/326.
3. FOUCAULT, M. *Poder y Estrategia* In: *Microfísica del poder*, Las ediciones de La Piqueta, Madrid, 1980.

4. ----- . *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
5. ----- . *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
6. GREGOLIN, M.R. *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
7. ----- in Fernandes, C.A e SANTOS, J.B.C. *Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003.
8. ----- . *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso*. São Carlos: Editora Claraluz, 2004.
9. GRANGEIRO, C.R.P. *O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte*. Crato: A Província Edições, 2002.
10. LECOURT, D. *Sur l'archéologie du savoir. A propos de Michel Foucault*. La pensée, n 152, 1970.
11. MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso. Re (ler) Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.
12. MARX, K. e ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.
13. PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.
14. ----- . Remontemos de Foucault a Spinoza. Trad. Brasileira de GREGOLIN, M.R, mimeo, 2000.
15. SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs). São Carlos: Editora Claraluz, 2004.